

AUTORREGULAÇÃO EFETIVA E AFETIVA DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA EM EPT

Autor(1): Adriana Guimarães de Oliveira; Orientador (2): Dr. Dirceu Pereira dos Santos.

(Instituto Federal Fluminense, adriana.oliveira@iff.edu.br)

Introdução:

A proposta desta pesquisa, em desenvolvimento para o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), é aprofundar um estudo acerca da dialética ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, sugerindo a prática da autorregulação da aprendizagem, ancorada em Metodologias Ativas, na perspectiva de uma efetiva contribuição para o fortalecimento da autonomia dos sujeitos: o educando e o educador, abordando a questão específica da afetividade como também determinante no processo de emancipação do indivíduo. Em sua Pedagogia da autonomia, PAULO FREIRE, 1996, alerta para a necessidade da constante reflexão crítica sobre a prática da Educação como permanente construção e reconstrução do conhecimento, movimento que envolve curiosidade, insubmissão, risco, mas, sobretudo, respeito ao saber do outro, que se traduz no exercício da escuta, do diálogo e do querer bem. Ambos educador e educando, no ambiente escolar e fora dele, defrontam-se com dificuldades similares e distintas, particulares e coletivas. O tema trazido à análise, neste resumo expandido, entrelaça os desenvolvimentos cognitivo e não cognitivo: uma atitude pedagógica que contribui para a transformação das pessoas em cidadãos do mundo.

Este trabalho se justifica pela necessidade da identificação dos fatores impeditivos da plena comunicação e disseminação dos conhecimentos, sob o prisma dos aspectos inibidores da autonomia para reconhecê-los, organizá-los, produzi-los e compartilhá-los. A partir da análise dos conteúdos do curso e da identificação do conhecimento prévio do aluno sobre o idioma, além de uma investigação dos traços socioemocionais desse aluno. A pesquisa pretende viabilizar uma proposta de ensino-aprendizagem autorregulada e afetiva, buscando conferir-lhe a possibilidade de gerir pensamentos, sentimentos e atitudes mais autônomas, flexíveis e responsáveis.

Assim, tem-se como objetivos analisar o currículo proposto para o ensino de Inglês, no âmbito do curso de Eventos; realizar avaliação diagnóstica para acessar níveis de conhecimento prévio do idioma; investigar as competências socioemocionais desenvolvidas ao longo da trajetória educacional formal e não formal do aluno; apresentar ao aluno sua condição de sujeito do processo de ensino-aprendizagem e implementar uma nova proposta metodológica, por meio da autorregulação da aprendizagem, na perspectiva da formação integral, através da qual o aluno se instrumentalize para a condição de sujeito do processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia:

Para o aprofundamento do estudo de um grupo específico, os alunos do primeiro módulo do curso técnico-concomitante noturno de Eventos, os quais ingressarão no IFFluminense-Cabo Frio, em maio de 2018, será conduzida uma pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa. Um estudo de caso de natureza interpretativa, de investigação participante,

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

envolvendo uma experiência em contexto pedagógico. Inicialmente, o currículo do curso em questão será avaliado em comparação com outros currículos, de instituições que também ofereçam o curso de Eventos, observando-se, em Língua Inglesa, a matriz atende às necessidades do profissional a ser formado, para os devidos ajustes.

Em seguida, os alunos serão convidados a realizar um questionário socioemocional para a investigação das competências socioemocionais/afetivas desenvolvidas ou não ao longo da sua trajetória educacional formal e não formal. Pretende-se aqui estimular uma reflexão individual sobre as emoções anteriormente associadas às aulas de Inglês, para que ambos, o aluno e o professor tracem um perfil dos sentimentos facilitadores/complicadores dos seus processos de aprendizagem. Além disso, haverá um momento de avaliação diagnóstica escrita e oral, para acessar, dentro da matriz curricular, as estruturas gramaticais, funções e vocabulário já conhecidos dos alunos. Coletadas as informações, após discussão em grupo, um trabalho personalizado será proposto, com atividades a serem realizadas a médio prazo, de modo que metas, materiais, estratégias individuais de aprendizagem e formatos de auto-avaliação do processo sejam negociados. Será sugerida a produção de um diário de investigação, em que o aluno registre os episódios significativos da experiência. Ao fim do módulo, os alunos serão convidados a repetir seus questionários e avaliações.

Resultados e discussão:

A experiência como professora de Língua Inglesa, no curso técnico-concomitante noturno de Eventos, oferecido pelo IFFluminense-Cabo Frio, tem promovido reflexões instigantes e mobilizadoras em direção ao desenvolvimento de uma prática de ensino que desloque o aluno de um contexto passivo e desinteressado, para outro, mais dinâmico, independente, alerta, vivo e, ao mesmo tempo, responsável. O aluno de Eventos, salvo exceções esporádicas, traz consigo duas características facilmente identificáveis: apresenta lacunas importantes na formação básica ou alcançou uma formação básica razoável, mas não consegue acessar o seu próprio repertório de conhecimento, em atividades supostamente compatíveis com tal nível de formação.

O conhecimento parece fragilizado. Por quê? Escolas com a práxis mais tradicional, em que o processo de ensino-aprendizagem permanece centralizado e centralizador, reforçam uma condição de passividade no aluno. O professor tem um compromisso burocrático com os conteúdos a serem trabalhados, apresentando-os uniformemente, para indivíduos únicos, em suas trajetórias de vida, assim como em seus calendários socioemocionais. Existe um ruído significativo no diálogo, em sala de aula: o professor não dimensiona adequadamente o conhecimento prévio do aluno porque o aluno não sabe se sabe o que diz saber.

À luz das ideias de AUSUBEL *et al* (1980), o fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece. Quanto maior o número de *links* feitos entre os conhecimentos já estruturados e os novos conhecimentos, potencialmente reveladores, por meio da utilização de organizadores prévios, mais significativa é a aprendizagem, pois o novo conhecimento precisa apoiar-se no que o aluno já sabe. Para AUSUBEL (1980), a essência do processo de aprendizagem significativa é que as ideias expressas simbolicamente são relacionadas às informações previamente adquiridas pelo aluno, através de uma relação não arbitrária e consistente, substantiva. Ao iniciar uma nova situação de ensino e aprendizagem, o professor deve considerar que o conhecimento prévio dos alunos constitui um amplo esquema de resignificação, devendo ser mobilizado durante todo o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, com base neles, o indivíduo interpreta o mundo. Eles precisam de espaço para tentar, errar, tentar de novo, até acertar. Os conceitos de Ausubel são compatíveis com a teoria sociointeracionista de Vygotsky. Para VYGOTSKY

(1989), o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Para gerar desenvolvimento, a aprendizagem precisa ser organizada pelo professor, que, na interação com os alunos, tem o conhecimento específico para mediar o acesso a diferentes saberes. Os alunos, por sua vez, devem construir suas próprias ideias, baseados no que foi trabalhado em aula, com os colegas e o professor. A aprendizagem ocorre, principalmente, em processos de relações sociais, com a ajuda de pessoas mais experientes.

A história da educação brasileira abre pouco espaço à promoção das habilidades socioemocionais. Recentemente, foi lançado um segundo PNE (Plano Nacional de Educação), estruturador de um Sistema Nacional de Educação, cujas metas são voltadas para as atribuições cognitivas. O monitoramento da educação por meio do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básico) mede índices de aprovação em exames padronizados. Entretanto, pode-se afirmar, seguramente, que o aperfeiçoamento de tais habilidades influencia sobremaneira o desempenho escolar. URANGA (2014, p.81) destaca que “o enfoque não cognitivo contribui para a formação da empatia, que é responsável por estabelecer a socialização”. Segundo ABED (2014, p.8) “não é mais possível conceber que apenas a cognição compareça à sala de aula”. Sem a emancipação do sistema educacional como um todo, não se pode pretender emancipar o aluno.

Sobre afetividade e a aquisição de uma segunda língua, CITTOLIN (2003, p.1) salienta que o ensino afetivo, então, representa a esperança de aperfeiçoar as atitudes, a motivação, a autoconfiança e os níveis de ansiedade”, fatores que descomplexificam o ensino e a aprendizagem, faces de uma mesma moeda. Em seu estudo acerca da aprendizagem autodirigida, MENEZES (2009, p.2) destaca “a redefinição do papel do professor como autossupervisor reflexivo, num processo continuado e exigente de regulação em que os alunos se tornam parceiros da reconstrução da pedagogia”. Assim como os alunos, e com eles, o professor precisa ser sujeito da elaboração e condução dos seus objetivos intelectuais, sociais e afetivos. A autorregulação da aprendizagem pode oferecer os subsídios para que as discussões acerca de diferenças de estratégias de acesso ao conhecimento e autoconhecimento, de ideias, sentimentos, valores próprios e do outro, permeadas de ambiguidades, contemplem autonomia e limites. Limites que garantam o bem-estar dos envolvidos. Aludindo à Teoria do desenvolvimento de Henri Wallon, SOUZA (2017, p. 13) adverte que isso é, também, uma expressão de afeto.

É preciso abrir espaços para o fortalecimento das habilidades socioemocionais que, juntamente com os múltiplos conhecimentos, ajudem a preparar esse aluno para o trabalho e para a vida. Com relação ao ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, a tendência educacional mundial, observada nas divulgações de material bilíngue mais recentes, revela um interesse crescente nos aspectos emocionais do aluno, especialmente, na questão da amabilidade e do acolhimento, enquanto caminhos para a conscienciosidade que favorece a extroversão e a abertura a novas experiências.

Conclusão:

Longe de alcançar um ponto de chegada, com uma padronização de conceitos estabilizados, quanto à abordagem do idioma, o que se busca é uma perspectiva alternativa para se entender a relevância das emoções no ensino/aprendizagem de Inglês, conferindo-lhe a devida importância, na reflexão a respeito da ação consciente e responsável, resultante dessa emoção esclarecida, por parte de alunos e professores. Aprender e ensinar Línguas, no mundo contemporâneo, é envolver-se, em várias instâncias, no mundo das relações de afeto. A conquista da

autonomia, pela via do encanto da diversidade e da ousadia.

No entanto, a apuração dos resultados, decisiva para a validação da proposta metodológica em tela, será realizada em etapa vindoura, com a reavaliação das hipóteses iniciais, bem como das variáveis implicadas no processo de interação humana que caracteriza o fazer pedagógico, não havendo, portanto, uma conclusão finalizada.

Referências:

AUSUBEL. Psicologia Educacional. Rio de Janeiro. 1980.

VYGOTSKY, L. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo. 1989.

ABED, A. L. Z. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da Educação básica. São Paulo. 2014.

CITTOLIN, S. F. A afetividade e a construção de uma segunda língua: a teoria de Krashen e a hipótese do filtro afetivo. Revista das Letras. 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra. 1996. MENEZES, C. M. X. D. A autodireção na aprendizagem do Inglês: uma história num curso profissional. Minho. 2009.

URANGA, P. R. R. A defasagem do desenvolvimento das habilidades socioemocionais na educação do Brasil. Porto Alegre. 2014.

SOUZA, M. L. A afetividade no processo de aprendizagem por Henri Wallon. 2017. Disponível em: <https://www.soescola.com/2017/12/a-afetividade-no-processo-deaprendizagem-por-henri-wallon.html> Acesso em: 14 dez. 2017